

## Sou adulto e posso aprender, sou adulto e tenho muito o que ensinar

Midiam de Souza Fernandes  
UFRN  
midiamsouza@bol.com.br

**Resumo:** Neste trabalho aborda-se através do relato de experiência com a Educação Musical em um contexto de ensino/aprendizagem inserido no universo do aluno adulto alguns fatores que conduzem e podem conduzir o trabalho do educador musical por um viés qualitativo no que se refere a funcionalidade da execução do seu trabalho junto ao adulto e mais especificamente do educando em com NEE (Necessidades Educativas Especiais). Aponta-se a Andragogia como fio condutor de desenvolvimento e assertividade nos objetivos e metas traçados nesta vivência do ensinar e aprender. Venho tendo como educadora musical um dos maiores desafios profissionais da minha vida; trata-se, pois, do desenvolvimento do meu trabalho para com um educando com Síndrome de Down que no dia 02 de abril de 2016 completou exatos 50 (cinquenta) anos de idade. Esse desafio, vai além do contexto profissional, pois, trata-se de uma vivência profissional que me desenvolve principalmente como pessoa, pois, me exige cotidianamente uma renovação comportamental que favoreça o impedimento da existência de barreiras atitudinais para com o desenvolvimento de minha ação “educativa musical” tornando-a assim cada vez mais “Humana”.

**Palavras chave:** Educação musical. Andragogia. Inclusão.

### A Educação Musical e a Andragogia

A forma com que o adulto aprende é diferenciada da forma com que a criança aprende, logo, pressupõe-se que a forma de ensinar para os adultos seja diferenciada da forma de ensinar para as idades da infância. A “andragogia” é pautada aqui como ferramenta que conduz o entendimento entre o educando em idade adulta e o educador musical, que pode a partir da articulação de princípios andragógicos conduzir de forma assertiva o seu trabalho com educandos em idade adulta. Por “andragogia” reconhecemos a seguinte conceituação:

A andragogia apresenta-se atualmente como uma alternativa à pedagogia e refere-se à educação centrada no educando adulto. A responsabilidade pela aprendizagem é compartilhada entre o educador e o educando, criando um alinhamento entre a aprendizagem e a maioria dos adultos, que buscam independência e responsabilidade por aquilo que julgam importante aprender (MTE, 2015.p15).

Todo o ser humano tem direito a Educação, esse, é um princípio que perpassa a condição humana de ser e existir em sociedade, sendo assim, é incontestável o direito a educação independente por exemplo da faixa etária dos indivíduos, o que nos faz compreender que:

Derechos que permiten el acceso a las producciones simbólicas en sus distintas expresiones así como la posibilidad de apropiación del conjunto de bienes culturales y académicos que permiten a los seres humanos adquirir el material simbólico imprescindible para participar creativa y responsablemente en la sociedad en que viven; lo que además, ayudará a que la totalidad de los derechos tanto humanos como sociales puedan ser disfrutados plena y personalmente (LIU, 2009. p.55).

Ser um educador musical é também poder ser um agente que promove o desenvolvimento humano, seja em que fase da vida esteja o educando com o qual esteja este educador desenvolvendo o processo de ensino/aprendizagem, visto que:

Hoje, a maioria dos cientistas do desenvolvimento reconhecem que o desenvolvimento ocorre durante toda a vida. Esse conceito de um processo vitalício de desenvolvimento que pode ser estudado cientificamente é conhecido como desenvolvimento no ciclo vital (PAPALIA, 2006. p 38).

Quando se trata de Educação, seja esta educação formal ou não formal, pode-se afirmar que ao incluir “todos”, se está construindo uma ação verdadeiramente voltada para o desenvolvimento humano, pois:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1987. p.44).

Visto que a ação inclusiva é uma ação de diálogo entre os envolvidos e que existe uma troca de experiências e uma construção de conhecimentos mútuos, pois, quem inclui “alguém” também é incluído por este em seu contexto de existência humana, logo, o educador musical que se abre ao ato de educar um adulto com NEE (Necessidades Educativas Especiais) certamente encontra no desenvolvimento do seu trabalho, inúmeras possibilidades de aprender e ensinar, tornando sua ação profissional um ato que proporciona desenvolvimento em diversos aspectos de sua vida e da vida dos seus educandos, relacionando a questão ensino/aprendizagem em uma só unidade, considerando que:

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada (MORIN,2003, p.16).

## **Um adulto com síndrome de Down e a aula de Educação Musical**

O que é Síndrome de Down afinal? Para responder esta questão utilizarei as seguintes palavras:

A síndrome de Down ocorre quando, ao invés da pessoa nascer com duas cópias do cromossomo 21, ela nasce com 3 cópias, ou seja, um cromossomo número 21 a mais em todas as células. Isso é uma ocorrência genética e não uma doença. Por isso, não é correto dizer que a síndrome de Down é uma doença ou que uma

pessoa que tem síndrome de Down é doente. Apesar de indivíduos com síndrome de Down terem algumas semelhanças entre si, como olhos amendoados, baixo tônus muscular e deficiência intelectual, não são todos iguais. Por isso, devemos evitar mencioná-los como um grupo único e uniforme. Todas as pessoas, inclusive as pessoas com síndrome de Down, têm características únicas, tanto genéticas, herdadas de seus familiares, quanto culturais, sociais e educacionais (DOWN, 2014. p.04).

Faz dois anos ininterruptos que eu venho tendo como educadora musical um dos maiores desafios profissionais da minha vida; trata-se, pois, do desenvolvimento do meu trabalho para com um educando com Síndrome de Down que no dia 02 de abril de 2016 completou exatos 50 (cinquenta) anos de idade. Esse desafio, vai além do contexto profissional, pois, trata-se de uma vivência profissional que me desenvolve principalmente como pessoa, pois, me exige cotidianamente uma renovação comportamental que favoreça o impedimento da existência de barreiras atitudinais, entendendo que:

As barreiras atitudinais são barreiras sociais geradas, mantidas, fortalecidas por meio de ações, omissões e linguagens produzidas ao longo da história humana, num processo tridimensional o qual envolve cognições, afetos e ações contra a pessoa com deficiência ou quaisquer grupos em situação de vulnerabilidade, resultando no desrespeito ou impedimento aos direitos dessas pessoas, limitando-as ou incapacitando-as para o exercício de direitos e deveres sociais: são abstratas para quem as produz e concretas para quem sofre seus efeitos (TAVARES, 2012, p. 104).

A educação de adultos ultrapassa em muito os limites traçados pelo ensino que tem como principal foco crianças e jovens. Muito se fala sobre Educação Musical vinculada e/ou aplicada em contextos da Educação Básica e Educação de crianças e jovens, mas pouco se fala e discute-se sobre a Educação Musical em contextos andragógicos, que possam assim auxiliar no processo de libertação do Homem dos determinismos impostos pela cultura dominante, pois:

Analisa-se a possibilidade crescente que tem o homem de, por seu espírito criador, por seu trabalho, nas suas relações com o mundo, transformá-lo cada vez mais. E que esta transformação, contudo, só tem sentido na medida em que

contribuir para a humanização do homem. Na medida em que se inscrever na direção da sua libertação (FREIRE, 1967. p.130).

Entendendo a Educação Musical para adultos com NEE como um desafio que exige do educador musical que ele (o educador) desenvolva novas formas de atuação e pesquisa na área, considero que a partir da necessidade encontrada para desenvolver um trabalho de qualidade e comprometido com os fundamentos da Educação Musical, em contextos andragógicos, seja então coerente que este profissional desenvolva estudos na área, visando com esta prática cada vez mais o comprometimento com a sua ação profissional, assim, comungo com a ideia de que:

Na carreira, ou seja, num processo de vida de longa duração, os professores precisam mobilizar um vasto cabedal de saberes e habilidades...objetiva-se, a partir dessas novas necessidades e da produção de saberes e valores, uma ação responsável que favoreça uma transformação desse profissional comprometido com a sua própria formação (MOROSINI, p.67)

Vemos a cada ano que passa a ampliação dos contextos em que a educação musical pode se inserir, contextos que perpassam tanto a Educação Formal quanto a Educação não Formal, mas que, igualmente tem recebido o profissional educador musical, alargando assim, as possibilidades de atuação deste profissional e igualmente exigindo cada vez mais que este profissional esteja capacitado para a função a qual irá desenvolver no campo de trabalho, articulando saberes e fazendo uso de múltiplas inteligências que possibilitam melhor compreender e refletir sobre sua atuação profissional de maneira responsável visto que:

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos...uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável (MORIN, 2003, p.14).

As nossas aulas acontecem duas vezes por semana, são aulas individuais, no contexto da Educação não Formal; essas aulas acontecem na própria residência do meu aluno e cada aula tem duração média de 01:30min., podendo as vezes chegar a duração de 02:00h.

Com o decorrer do tempo eu fui descobrindo e descubro possibilidades e a musicalidade de meu aluno o que possibilitou e possibilita uma ação docente adequada aos princípios da Andragogia, para que, em cada aula seja possível que este aluno se sinta motivado a se desenvolver cada vez mais. O estudo da Andragogia me auxiliou e auxilia de forma assertiva com o desenvolvimento deste trabalho docente pois de acordo com as palavras de ROCHA (2012. p.01):

Revela em suas concepções e conceitos aspectos teóricos, filosóficos e práticos de fundamental importância para aqueles que almejam explorar nas competências do adulto, características que lhes são peculiares e que fazem a diferença em processos de aprendizagem quando inseridas no contexto educacional que valoriza a experiência de vida, a visão crítica e a capacidade de intervenção do adulto como o centro das atenções. Nesse contexto, os pressupostos andragógicos se apresentam como elementos facilitadores, articuladores e orientadores na relação de aprendizagem entre adultos.

## **Sobre os princípios básicos da Andragogia e a suas articulações nas nossas aulas**

Elenco então os dez princípios da Andragogia (ROCHA, 2012) que são desenvolvidos na relação docente/discente em nossas aulas:

- 1. Autonomia:** O princípio da autonomia evita que a aprendizagem vire uma aprendizagem bancária incentivando que o aluno possa nos propor mudanças ao que está posto, tornando a aula dinâmica e rica em uma perspectiva da construção de saberes e conhecimentos.

2. **Humildade:** É preciso que nós educadores musicais tenhamos a humildade de saber ouvir o nosso aluno, pois criamos com isso o fortalecimento da confiança entre educador e educando, o que assegura para este relacionamento segurança em momentos de crises.
3. **Iniciativa:** O incentivo das capacidades bem como à criatividade é um ponto forte no contexto da educação para adultos, pois assim sensibiliza o aluno para novas descobertas e desafios.
4. **Dúvida:** Temos que nos deparar com esse princípio, pois, neste contexto de ensino/aprendizagem as certezas não nos fazem avançar, é preciso duvidar, assim o diálogo aqui é bem-vindo, até como forma de avaliação; eu deixo o meu aluno bastante à vontade, para questionar, criticar e perguntar, sobre nossa ação nas aulas.
5. **Mudança de Rumo:** Trabalhar com adultos é estar aberto para mudar os planos didáticos a qualquer momento, sendo este um princípio norteador, pois, com humildade profissional ao notarmos que o nosso aluno não está aprendendo o que estamos dispostos a ensinar-lhe, devemos enquanto educadores, analisar e redirecionar nossas estratégias, para que assim as nossas metas sejam alcançadas dentro do processo ensino/aprendizagem.
6. **Contextos:** Na articulação com este princípio eu cito a percepção de algumas linhas delimitadoras as quais eu procuro contornar de forma a proporcionar contraposições à estas “limitações”, um exemplo disto é adaptar a estrutura física de alguns instrumentos para que o meu aluno possa sentir-se mais confortável com relação a postura corporal e assim a partir de um novo contexto de aproximação com o instrumento o aluno possa desenvolver-se da melhor forma possível.
7. **Experiência de vida:** A reconstrução do saber entre os adultos está intimamente ligada a este princípio, pois, nossa principal herança da vida é justamente a experiência adquirida com o viver, para exemplificar isto cito as experiências que o meu aluno teve com outros Educadores Musicais e/ou mesmo informalmente em família, sendo assim,

eu respeito toda a bagagem musical que o meu aluno tem e faço com que ele perceba isto.

8. **Busca:** A busca abre espaço para a autonomia, por tanto por esse entendimento o aluno tem toda a liberdade de trazer resultados de pesquisas e análises, bem como propor a partir deste princípio um novo redirecionamento para as aulas, um exemplo disto é quando ao começarmos uma aula o aluno me mostra uma nova rítmica ou sugestão de repertório, que ele ouviu e/ou aprendeu.
9. **Objetividade:** A objetividade nas nossas aulas é uma característica bem marcante, pois, o aluno quando por uma ou outra razão discorda de algum posicionamento, se sente à vontade para expor o seu ponto de vista, logo redirecionamos a questão fazendo com que esta seja aceita ou substituída, como por exemplo quando eu escolho um repertório para a aula e o aluno não quer naquele momento a execução de “tal” música, logo a substituímos, mas ao longo da aula ele ao perceber que eu consegui inserir a “tal” música no contexto da aula por questões de aplicabilidade da didática adotada, esse (o aluno) a aceita e prosseguimos com o desenvolvimento do nosso trabalho dando continuidade ao planejamento original da aula.
10. **Valor agregado:** Pessoas adultas aprendem o que precisam saber, por isto enfatizo nas aulas a vontade do meu aluno, pois, assim sendo, existe o interesse e conseqüentemente a dedicação por parte do aluno, um exemplo disto foi na ocasião em virtude da festa de seus cinquenta anos, quando o mesmo quis trabalhar um repertório X para que pudéssemos tocar durante a sua festa de aniversário, então, passamos a nos dedicar durante um mês inteiro para que tudo fluísse da melhor maneira possível em nossa apresentação, conseqüentemente o resultado da nossa dedicação foi uma bela apresentação.

Há várias formas de se conceber o fenômeno educativo. Por sua própria natureza, não é uma realidade acabada que se dá a conhecer de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Nele estão presentes tanto a dimensão humana quanto a

técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e cultural. Não se trata de mera justaposição das referidas dimensões, mas, sim, da aceitação de suas múltiplas implicações e relações (MIZUKAMI, 1986. p.01).

O respeito aos saberes dos alunos adultos é uma das chaves para que possamos enquanto educadores musicais, obter o êxito desejado no desenvolvimento do nosso trabalho como educadores musicais.

Fotografia 01: “Serginho” e sua concentração absoluta no ritmo da festa.



Fonte: família, 2016.

Fotografia 02: um down multi-instrumentista (eu e “Serginho” em momento pós aula).



Fonte: família, 2016.

## Considerações finais

Respeitar o aluno, perceber os limites do relacionamento e ter compromisso com exercício da profissão é sem dúvidas um caminho que trará cada vez mais, boas oportunidades de trabalho para o educador musical.

O aluno com NEE é um aluno cheio de potencial e capacidades, bem como qualquer outro, se faz então necessário que o educador musical seja um profissional capaz de perceber esse potencial e as capacidades que esse aluno tem, desconstruindo a cada dia a visão determinista que ainda é bastante arraigada na nossa contemporaneidade sobre o “diferente”, é preciso também que a educação musical seja possível e acessível também para as pessoas em idade adulta, desmistificando a ideia de que existe uma idade adequada para este estudo.

Trazer dignidade para o viver de nossos alunos é uma das ações mais gratificantes na atividade profissional de um educador musical, fazer o aluno perceber que é capaz de atender e compreender o que lhe é proposto e que ele (o aluno) pode desenvolver cada vez mais essa capacidade é uma vitória sobre o preconceito e a padronização social.

O desenvolvimento do nosso trabalho vai nos fazendo acreditar cada vez mais na importância social da nossa profissão, pois, um educador musical comprometido com a boa qualidade de seu trabalho, estará atento as competências dos seus alunos, e assim esse educador se faz capaz de promover um trabalho responsável e verdadeiramente inclusivo com os seus educandos.

## Referências

- Correia, L. M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Classe Regular*. Porto: Porto Editora.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LIU. *Modelo Andragógico: fundamentos*. Universidad del Valle de México, 2009.
- MTE. *Educação de adultos: algumas abordagens*. São Paulo: Fundacentro, 2015.
- MIZUKAMI, Maira. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformular o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2003.
- MOROSINI, M. C.; COMARÚ, P. do A. A dimensão profissional docente. In: *Professor como aprendiz: saberes docentes*. Délcia Enricone [Org.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. 8ª.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ROCHA, E. F. *Os dez pressupostos andragógicos da aprendizagem do adulto: um olhar diferenciado na educação do adulto*. Abr. 2012. Disponível em: [http://www.abed.org.br/arquivos/os\\_10\\_pressupostos\\_andragogicos\\_ENILTON.pdf](http://www.abed.org.br/arquivos/os_10_pressupostos_andragogicos_ENILTON.pdf) Acesso em 01 Ago. 2016.
- TAVARES, Fabiana S.S. *Educação Não Inclusiva: a trajetória das barreiras atitudinais nas dissertações de educação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFPE)*. Recife, UFPE, 2012.
- DOWN, Movimento. *10 Coisas que todo mundo precisa saber sobre síndrome de down*. Disponível: <[http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Folder-Guia-para-jornalistas-arquivo-digital\\_bx.pdf](http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Folder-Guia-para-jornalistas-arquivo-digital_bx.pdf)> Acesso em 01 Ago, 2016.